

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

LEON BRANDÃO LAUTON

**DEPRESSÃO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO:
CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA BÁSICA PARA A CLÍNICA**

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LEON BRANDÃO LAUTON

DEPRESSÃO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO:
CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA BÁSICA PARA A CLÍNICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Amilcar Rodrigues Fonseca Júnior.

São Paulo

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, Cloves, Cristina, Luiza e Iodete, sem a qual eu não estaria aqui, pelo apoio, o afeto, a confiança e o suporte para poder me dedicar ao curso.

À minha companheira, Giulia, e meus amigos, Marcela, Mateus e Cassiano, por me escutarem, me apoiarem e me oferecerem respiro em momentos difíceis.

Ao meu orientador, Amílcar, que me deu suporte desde o projeto de pesquisa, e foi um grande instrutor e companheiro durante todo o processo de construção deste trabalho.

Aos docentes da PUC-SP, por serem guias nesse caminho de construir conhecimento e fazer-me psicólogo. Em especial, ao professor José Agnaldo, sempre afetuoso, por toda a camaradagem e ensino durante minha Iniciação Científica e graduação, e por ser um exemplo de atuação ética e socialmente comprometida.

Aos meus colegas de faculdade, pelo compartilhamento de angústias e por tornarem a graduação um processo muito mais prazeroso. Em especial, Catarina, Veridiana, Gustavo, Chris, Maria Eduarda, Arthur, Beatriz, Natália, Luiza e Fernando.

RESUMO

Área do conhecimento: 7.00.00.00-0 – Ciências Humanas

7.07.00.00-1 – Psicologia

Título: Depressão sob a ótica da análise do comportamento: contribuições da pesquisa básica para a clínica

Orientando: Leon Brandão Lauton

Orientador: Prof. Dr. Amilcar Rodrigues Fonseca Júnior

Ano: 2021

Esta pesquisa teve como objetivo identificar contribuições da pesquisa básica experimental para a compreensão e intervenção sobre comportamentos depressivos na literatura analítico-comportamental sobre depressão. Para tal, foi realizada uma busca por pesquisas teóricas, experimentais e quase-experimentais analítico-comportamentais sobre comportamentos depressivos publicadas em língua portuguesa, em forma de artigo, entre os anos 2001 e 2020, através dos descritores “depressão”, “anedonia” e “comportamentos depressivos”. A busca foi realizada em cinco periódicos comprometidos com a publicação de pesquisas fundamentadas pela Análise do Comportamento. Foram selecionados trabalhos que tinham como tema central a depressão e que a abordavam a partir de uma perspectiva analítico-comportamental. A partir desses critérios, foram selecionados 11 artigos. A análise desses estudos foi realizada através da leitura integral dos textos e da categorização de trechos em dois quadros, selecionados por (1) estabelecerem comparações entre dados e/ou elementos dos modelos experimentais e o fenômeno depressão, ou (2) relacionarem dados e/ou elementos dos modelos experimentais com características topográficas e/ou relações funcionais envolvidas na depressão, apontando possíveis caminhos para intervenções psicoterápicas. Como resultado, foram selecionados, no total, 13 trechos, de seis artigos diferentes. Desses trechos, 12 se enquadraram na categoria de trechos que relacionaram dados experimentais e depressão e um trecho na categoria que propôs intervenções tendo como base dados experimentais. A análise dos dados permitiu atestar que os dados produzidos experimentalmente em pesquisas básicas têm sido utilizados majoritariamente para interpretar o fenômeno depressão e que há falta de comunicação entre as áreas de pesquisa básica e aplicada.

Palavras-chave: análise do comportamento; depressão; modelos experimentais; terapia comportamental.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
1.1 Depressão.....	5
1.2 Depressão na Psiquiatria.....	5
1.3 A Análise do Comportamento.....	6
1.3.1 Breve fundamentação filosófica.....	6
1.3.2 Ciência, pesquisa e produção de conhecimento.....	7
1.3.3 Conceitos básicos.....	9
1.4 O contraponto analítico-comportamental.....	10
1.5 A depressão pela ótica da Análise do Comportamento.....	11
1.5.1 Modelos experimentais de depressão.....	11
1.5.2 Modelos comportamentais de depressão e sua influência na prática clínica.....	12
1.6 Formulação do problema de pesquisa.....	15
2 OBJETIVO.....	16
3 MÉTODO.....	17
3.1 Objeto de estudo.....	17
3.2 Materiais.....	17
3.3 Procedimento de coleta.....	17
3.4 Procedimento de seleção e exclusão dos materiais encontrados.....	19
3.5 Artigos selecionados	19
3.6 Método de análise.....	21
4 RESULTADOS.....	22
5 DISCUSSÃO.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
7 REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

1.1 Depressão

Em nota publicada no ano de 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou a depressão como um dos transtornos mentais mais frequentes, colocando-a como a principal causa¹ de incapacidade em todo o mundo. Ainda, pode levar ao suicídio em casos mais graves — a segunda principal causa de morte entre pessoas com idade entre 15 e 29 anos —, com uma estimativa de 800 mil mortes por suicídio ocorrendo anualmente no mundo todo (OMS, 2018).

Dados epidemiológicos sobre a depressão indicam uma prevalência média de 5,5% (2,2 a 8,3%) durante 2018 e uma prevalência média de 14,6% (6,6 a 21%) ao longo da vida em países de alta renda econômica. Por outro lado, em países de baixa renda econômica a prevalência média durante 2018 foi de 5,9% (3,8 a 40,4%) e a prevalência média ao longo da vida foi de 11,1% (8% a 18,4%). No Brasil, esses dados são de 8% para prevalência durante 2018 e 17% para prevalência ao longo da vida (cf. HUMES *et al.*, 2019, p. 137).

1.2 Depressão na Psiquiatria

Até os anos 1980, o interesse da Psiquiatria era voltado ao estudo da melancolia, sendo a depressão considerada um de seus sintomas. A partir desse período histórico, a Psiquiatria passou a diferenciar ambos os fenômenos, debruçando-se sobre a depressão na tentativa de classificá-la abarcando diversas concepções teóricas e de estabelecer critérios classificatórios objetivos para que um diagnóstico comum pudesse ser alcançado por clínicos e pesquisadores independentemente de suas afiliações teóricas (cf. VASCONCELLOS *et al.*, 2010, p. 720).

Atualmente, na Psiquiatria, a depressão é entendida como uma síndrome clínica — conjunto de sintomas apresentados por um indivíduo ao longo de determinado período. Segundo a caracterização da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), a depressão se divide em

¹ Na perspectiva analítico-comportamental, a incapacidade humana não é causada pela depressão. Tanto a incapacidade humana quanto a depressão são produtos de variáveis ambientais.

Transtorno Depressivo Maior e Transtorno Depressivo Persistente (HUMES *et al.*, 2019). De maneira geral, a Psicopatologia coloca como características marcantes da depressão o humor triste e o desânimo desproporcionalmente intensos e duradouros (cf. DALGALARRONDO, 2019, p. 345). Humes *et al.* (2019) ampliam essa definição, colocando a presença de humor triste ou irritável acompanhado de alterações somáticas e cognitivas como característica comum desses transtornos.

Em contraposição a esses estudos, que focam na classificação topográfica de sintomas e inferem processos mentais como supostas causas da depressão, a Análise do Comportamento entende que todo comportamento é fruto da interação entre o organismo e o ambiente. Assim, não assume a concepção de psicopatologia segundo a qual padrões de comportamento são considerados doença, assim como não adota as classificações de sintomas baseadas em topografia. Diferente disso, investiga as relações funcionais — em especial, as de reforçamento, punição e extinção, conforme será tratado adiante — entre os comportamentos depressivos e o meio em que ocorrem (cf. HUNZIKER, 2006, p. 149).

1.3 A Análise do Comportamento

1.3.1 Breve fundamentação filosófica

O Behaviorismo Radical, filosofia que fundamenta e orienta a pesquisa e a prática analítico-comportamental, busca entender e explicar o comportamento a partir de três níveis indissociáveis de determinação ambiental: a história da espécie à qual o organismo pertence (nível filogenético), a história de vida do indivíduo (nível ontogenético) e a cultura (nível cultural). Influenciado pela proposta darwinista de seleção natural, B. F. Skinner (1904-1990) propôs um modelo de seleção por consequências para explicar a ocorrência de comportamentos. Segundo esse modelo, as ações do organismo devem ser entendidas em sua relação com o ambiente. Desse modo, o comportamento está em constante mudança. Tais mudanças são selecionadas e mantidas com base em sua eficácia sobre o meio, o que equivale a dizer que todo comportamento cumpre uma função (MICHELETTO, 1997; SKINNER, 1981/2007).

No nível filogenético, referente à história da espécie à qual o indivíduo pertence, variações biológicas e comportamentais de um organismo são selecionadas por suas

vantagens de sobrevivência; no nível ontogenético, referente à história de vida do indivíduo, ações emitidas pelo organismo são selecionadas e mantidas em função das consequências que produzem; por fim, no nível da cultura, referente à história da sociedade em que o organismo está inserido, determinadas práticas culturais são selecionadas e mantidas devido ao seu valor de sobrevivência para o grupo (cf. SKINNER, 1981/2007, pp. 129-131).

Portanto, assumindo o comportamento como objeto de estudo (i.e., variável dependente), a ciência comportamental busca descrever as relações que o organismo que se comporta estabelece com o ambiente (i.e., variável independente) presente e passado a fim de prevê-lo e modificá-lo. Através do estudo sistemático do comportamento por meio, por exemplo, de investigações em laboratório com humanos e animais não humanos, sob condições que permitem rigoroso controle das condições ambientais e observações e registros sistemáticos por longos períodos de tempo, os processos básicos do comportamento podem ser descobertos. Não obstante, esse tipo de pesquisa, bem como as observações sistemáticas em campo e intervenções em contexto aplicado têm sido valiosas fontes de produção de conhecimento para a ciência comportamental (cf. SKINNER, 1953/2003, pp. 33-41). No tópico seguinte, a produção de conhecimento na Análise do Comportamento é apresentada com mais detalhes.

1.3.2 Ciência, pesquisa e produção de conhecimento

Em sua obra *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner (1953/2003) aponta que a ciência é um conjunto de comportamentos: uma disposição para aceitar os fatos independentemente dos desejos e uma busca por relações ordenadas entre eventos da natureza, podendo, em um estágio mais avançado, chegar a um conjunto de leis dentro de um sistema científico (pp. 12-14).

O fazer científico na Análise do Comportamento se dá através de diferentes tipos de pesquisas, sistematizados aqui a partir da discussão feita por Fonseca Júnior (2020). A pesquisa básica é aquela na qual o comportamento do cientista é controlado pela produção de novos conhecimentos que auxiliam no desenvolvimento teórico de determinada disciplina (cf. LATTAL, 2005, p. 15).

Na pesquisa aplicada, por sua vez, o comportamento do cientista é igualmente controlado pela produção de novos conhecimentos. Entretanto, é característico desse

tipo de pesquisa que o conhecimento produzido seja relevante para a resolução de problemas práticos imediatos (cf. LATTAL, 2005, p. 15).

Ainda que a distinção entre pesquisa básica e aplicada nem sempre seja clara, Baer, Wolf e Risley (1968) ressaltam que a pesquisa básica estuda qualquer variável relacionada a qualquer comportamento, enquanto a pesquisa aplicada se restringe à investigação das variáveis importantes para a melhora de um comportamento socialmente relevante (pp. 91-92).

Há, ainda, a pesquisa translacional, que busca produzir conhecimento novo a partir de um comprometimento mútuo tanto com princípios teóricos quanto com problemas práticos (cf. MACE; CRITCHFIELD, 2010, p. 296). Assim, pode-se dizer que a pesquisa translacional se localiza entre a pesquisa básica e a aplicada.

A pesquisa histórico-conceitual (também chamada de pesquisa teórica, filosófica, conceitual ou reflexiva) é aquela que busca, a partir dos conceitos teóricos psicológicos, produzir conhecimento científico (cf. LAURENTI, 2012, p. 180). Essa produção é feita a partir de duas linhas de trabalho, indissociáveis entre si: a) a pesquisa histórica, que investiga a história da produção de conhecimento de uma disciplina (ANDERY; MICHELETTO; SÉRIO, 2000); e b) a pesquisa conceitual, que estuda a constituição de sistemas explicativos usados por uma disciplina científica no estudo de seu objeto (cf. TOURINHO, 1999, p. 213).

Por fim, a interpretação se caracteriza como uma forma alternativa de produção de conhecimento na Análise do Comportamento. Definida por Skinner (1984) como o uso de termos e princípios científicos para abordar fatos sobre os quais não se tem suficiente conhecimento para que a previsão e o controle sejam possíveis (p. 578), a interpretação tem permitido a organização e articulação de princípios descobertos experimentalmente para compreender fenômenos comportamentais diversos. Paralelamente, a interpretação orienta a manipulação experimental — que, mais tarde, pode ou não confirmá-la —, na medida em que é uma suposição acerca das variáveis de controle (cf. MALAVAZZI; MICHELETTO, 2021, pp. 9-10).

A seguir, são apresentados alguns princípios comportamentais que foram amplamente investigados por analistas do comportamento, que são de especial interesse para compreender o fenômeno investigado na presente pesquisa (i.e., a depressão).

1.3.3 Conceitos básicos

Comportamento pode ser entendido como a relação simultânea e interdependente entre organismo e ambiente, não havendo prioridade de um sobre o outro (cf. LOPES, 2008, pp. 10-11). O comportamento operante, foco desta seção, é definido como aquele que produz mudanças ambientais, alterando o ambiente e sendo alterado pelo mesmo (cf. SKINNER, 1953/2003, pp. 64-65). Contingência, por sua vez, diz respeito à relação de dependência entre eventos (cf. CATANIA, 1979/1999, p. 394; SOUZA, 1997, pp. 83-84). A contingência entre as ações do organismo, suas consequências e as condições nas quais essas consequências são produzidas recebe o nome de tríplice contingência e constitui a unidade de análise fundamental para a ciência do comportamento (SKINNER, 1953/2003).

Conceitualmente, instâncias de uma determinada ação são denominadas respostas (R) e as consequências e os aspectos do ambiente diante dos quais essas respostas são emitidas são denominados estímulos (S). Consequências podem ser reforçadoras positivas ou aversivas. Quando um estímulo reforçador é produzido por uma classe de respostas, dá-se o nome de reforçamento positivo (S^{R+}) a esse procedimento. Quando um estímulo aversivo é evitado ou removido do ambiente, dá-se o nome de reforçamento negativo (S^{R-} ; cf. CATANIA, 1998, p. 418). Tanto o reforçamento positivo quanto negativo tem como função aumentar a frequência de respostas da classe reforçada.

Contingências de reforçamento negativo podem ser de dois tipos: fuga ou esquiva. Na contingência de fuga, a emissão de uma resposta remove um estímulo aversivo presente no ambiente. Na contingência de esquiva, por sua vez, a emissão da resposta evita a apresentação do estímulo aversivo (SIDMAN, 1989/2009).

Outro conceito importante para o presente trabalho é o de punição. Chamamos de punição positiva a apresentação de estímulos aversivos contingentes a uma classe de respostas e de punição negativa a remoção de reforçadores positivos contingente à emissão de uma resposta (cf. CATANIA, 1998/1999, p. 109). Como efeito, a punição reduz a probabilidade de ocorrência de respostas da classe que a produziu (MAYER; GONGORA, 2011, para uma discussão sobre as diferentes teorias acerca dos efeitos da punição).

É necessário frisar que o comportamento ocorre em contexto. É característica de todo comportamento operante a relação entre uma classe de respostas e suas

consequências e a relação entre uma classe de respostas e os estímulos antecedentes diante dos quais tais consequências são produzidas; ressaltar essa última relação implica assumir que, na natureza, uma classe de respostas tende a ser reforçada apenas na presença de determinados estímulos antecedentes, não o sendo em outras situações. Esse controle por estímulos antecedentes, denominado discriminação de estímulos, é estabelecido quando uma classe de respostas é reforçada na presença de certos estímulos e não é reforçada, ou é reforçada de uma outra maneira, na presença de outros (cf. SÉRIO *et al.*, 2008, pp. 10-12).

Assim como é possível alterar a probabilidade de ocorrência de uma classe de respostas pela apresentação de consequências, é possível fazer o mesmo por meio da suspensão da relação resposta-consequência. A extinção operante caracteriza-se pela quebra da relação de dependência previamente estabelecida entre as respostas e suas consequências. Como um de seus principais efeitos, produz diminuição gradual na frequência de emissão das respostas da classe extinta até níveis observados antes do reforçamento ocorrer (cf. SKINNER, 1953/2003, pp. 76-77).

Nota-se que, no caso da extinção, diferentemente dos processos tratados anteriormente, o organismo deixa de ter controle sobre o ambiente. Como pontuado por Hunziker (1982), a incontrolabilidade pode ser definida pela ausência de relação de dependência entre as respostas e os estímulos. Nesse sentido, a ocorrência ou não de um estímulo no ambiente independe da emissão das respostas (p. 63). Um organismo pode, por exemplo, ser exposto a estímulos apetitivos, como água adoçada, ou aversivos, como estímulos elétricos, independentemente do que faça. Pode, também, emitir respostas sem com isso alterar o seu ambiente, como ocorre na extinção. Em todos esses casos, dizemos que há incontrolabilidade. Adiante, serão discutidos alguns dos efeitos da incontrolabilidade sobre o comportamento.

1.4 O contraponto analítico-comportamental

A Psicopatologia, enquanto área do saber ligada à Medicina, usa-se do modelo médico em sua abordagem; assim, busca descrever os fenômenos psicopatológicos por sua manifestação, descrevendo seu desenvolvimento e buscando — em geral, através da identificação de anormalidades do organismo — sua etiologia, ou seja, sua origem e suas causas (cf. BANACO *et al.*, 2012, p. 154).

Conforme pontuado no tópico anterior, a Análise do Comportamento, por sua vez, busca investigar as relações funcionais que determinam o comportamento, através da análise da tríplice contingência. Assim, a análise topográfica, a etiologia e o desenvolvimento de um fenômeno dão lugar à análise da função que um comportamento adquire na interação entre indivíduo e ambiente, bem como a probabilidade, a frequência e a intensidade desse comportamento e as condições que o mantém. Nessa perspectiva, os comportamentos ditos psicopatológicos não possuem origem diferente dos comportamentos não psicopatológicos (i.e., são fruto da interação organismo-ambiente), sendo entendidos como excessos ou déficits de comportamentos típicos que variam em frequência ou intensidade, ou que ocorrem em contexto atípico, de forma prejudicial para um indivíduo e/ou pessoas que o cercam (cf. BANACO *et al.*, 2012, pp. 154-155).

A Análise do Comportamento é crítica às classificações psicopatológicas como apresentadas em manuais estatísticos, pautadas no modelo médico. Os seguintes pontos, típicos desse modelo, são os principais alvos de discordância: 1) a identificação e classificação de sintomas a partir de manuais; 2) a assunção de que a função dos comportamentos é irrelevante, tendo em vista que a intervenção pode ser planejada através da descrição de como a psicopatologia se expressa; 3) a noção estatística que define o “anormal” como aquilo que não é frequente na população observada e que não revela as variáveis por trás dos comportamentos em questão; 4) o conceito de “transtorno”, incompatível com a ciência comportamental por expressar algo fora do “normal”, que não obedece a leis. Em suma, esse tipo de visão desconsidera a função dos comportamentos ditos psicopatológicos, nega sua sujeição às leis comportamentais e busca sua origem em causas internas *puramente* biológicas (cf. BANACO; ZAMIGNANI; MEYER, 2010, pp. 179-183).

1.5 A depressão pela ótica da Análise do Comportamento

1.5.1 Modelos experimentais de depressão

A depressão vem sendo investigada experimentalmente e características importantes desse fenômeno comportamental têm sido replicadas em laboratório. Embora existam variados modelos experimentais de depressão (WILLNER, 1984), aqui destacar-se-á três, por propiciarem uma análise funcional da depressão:

separação; estresse crônico moderado (CMS) e desamparo aprendido (cf. HUNZIKER, 2006, p. 150).

Utilizando-se de primatas como sujeitos, o modelo de separação, de maneira geral, envolve a privação de contato social, replicando condições de privação da fonte de reforçamento social. Como efeito da perda de reforçadores, produz uma redução generalizada de comportamentos (cf. HUNZIKER, 2006, p. 150). No modelo de estresse crônico moderado, os sujeitos — geralmente ratos — são expostos a estímulos aversivos moderados, de maneira crônica e incontrolável (os estressores não podem ser removidos por nenhuma resposta). Como resultado, obtém-se uma alteração comportamental denominada anedonia, que pode ser compreendida como insensibilidade a estímulos reforçadores (cf. HUNZIKER, 2006, pp. 150-152). O desamparo aprendido, por sua vez, vem sendo investigado com diversas espécies de animais e tem como variável central a exposição a estímulos aversivos intensos e incontroláveis. O principal efeito dessa variável é a dificuldade de aprendizagem de novas respostas operantes de fuga e esquiva (cf. HUNZIKER, 2006, pp. 150-152).

1.5.2 Modelos comportamentais de depressão e sua influência na prática clínica

Para além dos modelos experimentais, existem outros tipos de modelos, de cunho teórico, pautados em dados sobre o comportamento que vem sendo acumulados desde os primórdios da ciência do comportamento.

Historicamente, destacam-se dois modelos comportamentais, constituintes da base do tratamento da depressão no campo da análise comportamental: o modelo proposto por Charles Ferster, em 1973, e o proposto por Peter Lewinsohn, em 1976 (cf. ABREU, 2006, p. 323-324; ABREU; SANTOS, 2008, p. 131).

No modelo proposto por Ferster (1973), levantam-se as hipóteses de que a mudança repentina de ambiente e o alto custo de resposta exigido para o reforçamento reduzem a frequência de respostas controladas por reforçamento positivo (cf. FERSTER, 1973, pp. 865-864). Contingências de razão fixa que demandam altas taxas de resposta — comuns no mundo do trabalho — fazem com que existam maiores pausas entre o reforçamento, diminuindo a frequência de respostas (cf. FERSTER, 1973, p. 864). Assim, é característico do repertório de pessoas depressivas um aumento na frequência de comportamentos controlados por reforçamento negativo paralelamente a uma diminuição do controle por reforçamento

positivo. Por exemplo, nota-se o aumento de comportamentos como choro excessivo, irritabilidade e autocrítico, concomitante a uma redução de comportamentos associados às atividades e *hobbies* antes considerados prazerosos pelo indivíduo. Outro processo que envolve a diminuição do controle por reforçamento positivo, implícito no modelo de Ferster, é a extinção, que produz sentimentos nomeados como frustração, incapacidade e revolta (cf. NICO; LEONARDI; ZEGGIO, 2015, p. 29).

O modelo de Lewinsohn e colaboradores explica as baixas frequências de respostas mantidas por reforçamento positivo através de três variáveis: 1. diminuição do efeito reforçador de eventos que já serviram como reforço positivo²; 2. mudança no ambiente que elimine a disponibilidade do reforçador; e 3. restrição do acesso ao reforçador, ainda que continue disponível. Assim, similarmente ao proposto por Ferster, este modelo também considera o sentimento de disforia trazido pelos depressivos como consequência de uma redução dos comportamentos controlados por reforçamento positivo, cunhando o termo *respostas contingentes ao reforçamento positivo* (*response-contingent positive reinforcement*, em inglês) para referir-se a esta característica do comportamento de pessoas depressivas. (LEWINSOHN *et al.*, 1976, *apud* ABREU, 2006, p. 324; ABREU; ABREU, 2017, pp. 240-241; ABREU; SANTOS, 2008, p. 131).

Baseado nessas explicações, Lewinsohn propôs um tratamento estruturado para depressão — chamado Agenda dos Eventos Prazerosos (*Pleasant Events Schedule*) —, focado em aumentar a taxa de reforçamento positivo contingente ao responder, através de mudanças de frequência, qualidade e quantidade de atividades denominadas prazerosas e interações sociais na vida do indivíduo (cf. ABREU, 2006, p. 324; ABREU; ABREU, 2017, pp. 240-241; ABREU; SANTOS, 2008, p. 132).

No início da década de 1970, a terapia comportamental se torna fracionada, com o desenvolvimento de diversas práticas e variadas formas de atuação sob o nome de *Modificação do Comportamento*, movimento mais tarde conhecido como *segunda onda* da história da prática do analista do comportamento (cf. MICHELETTO, 2001, p. 183). Nesse período, viu-se uma ascensão da clínica cognitivo-comportamental, impulsionada pelo modelo de tratamento para depressão proposto por Aaron Beck, que passou a dominar pesquisas e intervenções clínicas (cf. ABREU, 2006, p. 325). A partir dos anos 1990, houve um aumento de estudos resgatando o modelo proposto

² Nota-se, o autor enfatiza a redução no valor reforçador do estímulo (um efeito) e não as variáveis que levam a tal redução.

por Ferster e seu enfoque nas contingências de fuga e esquiva. Desse movimento, surgiram as terapias contextuais no campo analítico-comportamental: a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), focada na quebra de controle pelo estímulo desadaptativo e em tratar a esquiva emocional, e a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), que utiliza a relação terapêutica como forma de modificação dos comportamentos relevantes do cliente, ambas com larga aplicação e não específicas para o tratamento da depressão (ABREU, 2006).

Na década de 1990, um estudo de Jacobson e colaboradores investigou separadamente os efeitos de dois componentes da Terapia Cognitiva: o componente comportamental (ativação) e o cognitivo (reestruturação cognitiva). Como principal resultado, obteve-se que o tratamento baseado no componente comportamental era eficaz por si só, sem necessidade do componente cognitivo. A partir desse estudo, surge a Ativação Comportamental (BA; *Behavioral Activation*): outra psicoterapia contextual que busca resgatar o caráter funcional da análise de contingência, propondo uma agenda de atividades e incluindo modificações na intervenção proposta por Lewinsohn e colaboradores (ABREU, 2006; ABREU; ABREU, 2017). Segundo Abreu (2006), o maior foco da BA é promover aumento do contato com contingências de reforçamento positivo, através de atividades de resolução de problemas (p. 326).

Olhando para o fenômeno da depressão, tanto na prática clínica quanto no modelo comportamental de Ferster, vê-se que os modelos experimentais não dão conta de mimetizá-lo integralmente em um ambiente controlado, limitando-se à investigação de processos comportamentais isolados. Como apresentado no subtópico anterior, a hipótese mais comum para o desamparo é a de que sujeitos previamente submetidos a estimulação aversiva incontrolável apresentam dificuldade na aprendizagem de respostas de fuga e esquiva (cf. HUNZIKER, 2006, pp. 150-152), tendo aprendido a ausência de relação de dependência entre sua resposta e os seus efeitos ambientais (cf. HUNZIKER, 2005, p. 133). Essa hipótese pode explicar a não-emissão de determinadas classes de respostas mantidas por reforçamento negativo, mas não ajuda a entender por que algumas classes de respostas desses mesmos clientes, também negativamente reforçadas, aumentam de frequência (cf. ABREU, 2011, p. 791).

Mais recentemente, alguns autores (SANTOS; GEHM; HUNZIKER, 2011; SOUZA, 2018) têm investigado uma nova interpretação acerca do desamparo aprendido que possibilitaria o estabelecimento de novas relações entre o fenômeno

do desamparo aprendido e o modelo comportamental de depressão de Ferster (cf. ABREU, 2011, p. 792). Essa nova interpretação do fenômeno, conhecida por *hipótese da contiguidade potencializada*, postula que a estimulação aversiva incontrolável tornaria o organismo mais sensível às relações de contiguidade (i.e., relações temporais entre resposta e consequência). Assim, o organismo aprenderia não só a impossibilidade do controle, mas também a ficar sob controle de relações de contiguidade mínimas entre resposta e consequência (cf. SOUZA, 2018, pp. 77-79). Dessa forma, a aprendizagem de respostas de fuga e esquiva que envolvam baixa contiguidade (i.e., alto distanciamento temporal) entre a emissão da resposta e a remoção/evitação do aversivo seria prejudicada, ao passo que esse déficit não aconteceria nos casos de alta contiguidade (i.e., baixo distanciamento temporal) entre resposta e consequência (cf. ABREU, 2011, pp 791-792). Portanto, a nova interpretação pode abarcar tanto o aumento de frequência de certas classes respostas controladas por reforçamento negativo, quando a diminuição de outras, aproximando-se do modelo de depressão de Ferster (ABREU, 2011)

1.6 Formulação do problema de pesquisa

Em sua dissertação de mestrado, Camargo (2014) realizou uma revisão histórica de teses e dissertações, produzidas no Brasil, sobre modelos experimentais de psicopatologias na Análise do Comportamento, objetivando identificar a transposição dos achados experimentais para a clínica. Entre os resultados, constatou-se que, nos trabalhos investigados, não houve uma ponte entre pesquisa experimental e prática clínica.

Assim, considerando a relevância dos dados obtidos experimentalmente para o estudo do comportamento (conforme discutido na introdução), em especial, do comportamento depressivo, o presente trabalho buscou avaliar o modo como os achados da pesquisa básica vêm sendo utilizados pela literatura para compreender e intervir sobre a depressão. A presente proposta diferencia-se da proposta de Camargo (2014) em três principais aspectos: (1) delimita a depressão como fenômeno de interesse, (2) estende a busca a estudos teóricos, além de estudos experimentais, e (3) elege artigos, ao invés de dissertações e teses, como objeto de análise.

2 OBJETIVO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar contribuições da pesquisa básica experimental para a compreensão e intervenção sobre comportamentos depressivos segundo a literatura analítico-comportamental sobre depressão publicada em periódicos brasileiros, em língua portuguesa, entre os anos 2001 e 2020.

3 MÉTODO

O presente estudo baseou-se no método utilizado por Carvalho (2016), tendo sido realizadas adaptações para torná-lo mais apropriado ao objetivo desta pesquisa.

3.1 Objeto de estudo

Pesquisas teóricas, experimentais e quase-experimentais analítico-comportamentais sobre comportamentos depressivos publicadas em língua portuguesa, em forma de artigo, entre os anos 2001 e 2020.

3.2 Materiais

Foram selecionados os seguintes periódicos nacionais de conteúdo majoritariamente analítico-comportamental: *Boletim Paradigma*³, *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* (REBAC), *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (RBTCC). Também foi incluída a *Acta Comportamentalia*, revista internacional publicada no México que visa a veiculação de artigos em Análise do Comportamento nas principais línguas latinas (castelhano, português, francês e italiano).

Tabela 1 - Periódicos focados em Análise do Comportamento usados neste trabalho

Periódicos de conteúdo majoritariamente analítico-comportamental

Acta Comportamentalia

Boletim Paradigma

Perspectivas em Análise do Comportamento

Revista Brasileira de Análise do Comportamento (*REBAC*)

Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (*RBTCC*)

³ Apesar de não se tratar de um periódico, o Boletim Paradigma foi adicionado à lista por trazer contribuições de pesquisadores relevantes da área.

3.3 Procedimento de coleta

Para a realização da revisão proposta neste estudo, foram estabelecidos os seguintes descritores para a busca nos sistemas de pesquisa dos periódicos: “depressão”, “anedonia” e “comportamentos depressivos”. Por se tratar de periódicos focados majoritariamente em Análise do Comportamento, optou-se por não combinar os descritores supracitados com outros como “análise do comportamento” ou “terapia comportamental”, por exemplo.

Todas as buscas, feitas no dia 26/10/2020, foram realizadas na própria página do periódico, selecionando todos os campos (título, resumo, palavras-chave e corpo do texto) e restringindo a data de publicação entre os anos 2001 e 2020. A revista *Boletim Paradigma*, contudo, não permite a realização de busca avançada. Por isso, a busca foi realizada diretamente no arquivo em formato PDF de cada publicação, com os mesmos descritores, a partir da ferramenta “Localizar”. As entrevistas e resenhas de livros encontradas através das palavras-chave não foram incluídas na análise. A Tabela 2 mostra o número de artigos encontrados em cada fonte.

Tabela 2 - Artigos encontrados com o critério de busca estabelecido

Artigos encontrados com o critério de busca estabelecido (continua)		
Descritor	Periódico	Número de artigos encontrados
“Depressão”	Acta Comportamentalia	3
	Boletim Paradigma	5
	Perspectivas	2
	REBAC	2
	RBTC	14
“Anedonia”	Acta Comportamentalia	0
	Boletim Paradigma	0
	Perspectivas	0
	REBAC	2

Artigos encontrados com o critério de busca estabelecido (conclusão)		
	RBTCC	0
"Comportamentos depressivos"	Acta Comportamentalia	0
	Boletim Paradigma	0
	Perspectivas	0
	REBAC	0
	RBTCC	1 (repetido)
Total de artigos (sem repetições)		28

Levando em conta que um artigo encontrado na *RBTCC* com o termo descritor "comportamentos depressivos" já havia aparecido na busca anteriormente realizada com o descritor "depressão", foram encontrados, no total, 28 artigos.

3.4 Procedimento de seleção e exclusão dos materiais encontrados

Foram selecionados para análise trabalhos que tinham como tema central a depressão e que a abordavam a partir de uma perspectiva analítico-comportamental. Assim, artigos que não eram focados na temática depressão, tratando-a junto a outros fenômenos, bem como aqueles baseados em Terapia Cognitiva (resultado possível, dado que o periódico *RBTCC* publica tanto trabalhos de perspectiva analítico-comportamental quando cognitiva), foram excluídos.

3.5 Artigos selecionados

Através dos critérios descritos acima, foram selecionados, ao todo, 11 artigos, apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Artigos selecionados após procedimento de seleção e exclusão

Artigos selecionados (continua)

ABREU, Paulo Roberto; ABREU, Juliana Helena dos Santos Silvério. Ativação comportamental: apresentando um protocolo integrador no tratamento da depressão. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 238-259, 2017.

CAMPOS, Josiane Rosa; PRETTE, Almir del; PRETTE, Zilda Aparecida Pereira del. Habilidades sociais e depressão na adolescência: uma revisão da literatura. **Acta Comportamentalia**, [s. l.], v. 22, n. 4, p. 469-482, 2014.

CARDOSO, Luciana Roberta Donola; BANACO, Roberto Alves. Efeitos do esquema de intervalo variável no desenvolvimento de anedonia induzida por estresse crônico moderado em ratos. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 79-96, 2009.

CORREIA, Karyne Mariano Lira; BORLOTI, Elizeu. Mulher e depressão: uma análise comportamental-textual. **Acta Comportamentalia**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 359-373, 2011.

FERREIRA, Darlene Cardoso *et al.* A interpretação de cognições e emoções com o conceito de eventos privados e a abordagem analítico-comportamental da ansiedade e da depressão. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 70-85, 2010.

FERREIRA, Darlene Cardoso; TOURINHO, Emmanuel Zagury. Relações entre depressão e contingências culturais nas sociedades modernas: interpretação analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 20-36, 2011.

GOUVEIA JUNIOR, Amauri. Efeitos da administração aguda de Imipramina sobre o desamparo aprendido de ratos machos e fêmeas. **Acta Comportamentalia**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 19-30, 2001.

LEVATTI, Giovanna Eleutério *et al.* Terapia analítico-comportamental para mulheres com ansiedade e depressão: comportamentos e procedimentos na interação terapêutica. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 164-182, 2019.

MORAES, Patricia El Horr de; LUCA, Gabriel Gomes de. Classes de comportamentos da atuação analítico-comportamental sobre comportamentos depressivos identificadas em literatura. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 53-75, 2018.

NÓBREGA, Letícia Guedes; BRITTO, Ilma A. Goulart de Souza. Avaliação e tratamento de comportamentos problemas de duas pessoas com o diagnóstico de depressão. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 128-145, 2017.

SILVA, Paulo Eduardo da; MALERBI, Fani Eta Korn. Efeitos do protocolo de estressores sobre a preferência de água com sacarose em ratos. **Revista**

Artigos selecionados (conclusão)

Brasileira de Análise do Comportamento, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 106-117, 2018.

3.6 Método de análise

A análise dos artigos selecionados foi realizada através da leitura integral dos textos e do grifo de trechos que apresentavam relação entre algum dado experimental e a depressão. Especificamente, para que um parágrafo fosse selecionado, o mesmo devia mencionar dados experimentais diretos (produzidos pelos próprios autores do artigo) ou indiretos (descrições de dados derivados de outras pesquisas) e (1) estabelecer comparações entre os dados e/ou elementos dos modelos experimentais e o fenômeno depressão, ou (2) relacionar dados e/ou elementos dos modelos experimentais com características topográficas e/ou relações funcionais envolvidas na depressão, apontando possíveis caminhos para intervenções psicoterápicas. Após a seleção dos parágrafos, foram criados dois quadros a fim de categorizá-los: o primeiro englobou os trechos que estabeleciam relações entre dados experimentais e depressão; o segundo quadro agrupou trechos que descreviam possíveis intervenções terapêuticas, relacionando-as com dados experimentais de pesquisa básica.

4 RESULTADOS

Em acordo com o método de análise estabelecido, foram selecionados, no total, 13 trechos, de seis artigos diferentes (ABREU; ABREU, 2017; CARDOSO; BANACO, 2009; CORREIA; BORLOTI, 2011; FERREIRA; TOURINHO, 2011; GOUVEIA JUNIOR, 2001; NÓBREGA; BRITTO, 2017) – nos demais artigos, não foram encontrados trechos que atendessem aos critérios de análise. Entre os artigos selecionados, dois relatavam pesquisas básicas (CARDOSO; BANACO, 2009; GOUVEIA JUNIOR, 2001), um pesquisa aplicada (NÓBREGA; BRITTO, 2017) e outros três pesquisas teóricas (ABREU; ABREU, 2017; CORREIA; BORLOTI, 2011; FERREIRA; TOURINHO, 2011). Quanto aos trechos selecionados, 12 se enquadraram na categoria de trechos que relacionaram dados experimentais e depressão e um trecho na categoria que propôs intervenções tendo como base dados experimentais.

Abaixo, o Quadro 1 mostra os trechos que foram selecionados por estabelecer relações entre dados experimentais e depressão.

Quadro 1 - Trechos selecionados que estabeleceram relações entre dados experimentais e depressão

Autor	Trecho
ABREU; ABREU, 2017	<i>O desamparo aprendido tem sido referenciado como um bom modelo animal de depressão, visto que explicaria a etiologia, a sintomatologia, as alterações biológicas subjacentes e os tratamentos efetivos (Hunziker, 2003). Atualmente, a maioria dos laboratórios utiliza ratos no desenvolvimento do modelo. Hoje, já se sabe que, na etiologia, semelhantemente ao que ocorre com humanos diagnosticados, uma história de impossibilidade de controle sobre eventos aversivos pode levar a episódios depressivos (Willner, 1984). Na sintomatologia, a passividade, a baixa frequência de respostas e a baixa sensibilidade ao reforço são representativos de comportamentos listados nos critérios diagnósticos (Hunziker, 2003). As alterações neuroquímicas verificadas na depressão em humanos, como as variações de noradrenalina, dopamina e serotonina, e as variações do sistema imunológico também ocorrem no organismo dos</i>

	<p><i>animais (Hunziker, 2003). Por último, observa-se a resposta aos tratamentos por drogas antidepressivas e reforço positivo (Hunziker, 2005).</i></p> <p><i>Para discussão das similaridades nas contingências envolvidas no desamparo aprendido e na depressão em humanos, cumpre dividir didaticamente o procedimento experimental em dois momentos (Abreu & Santos, 2008): primeiramente na condição do tratamento com choques incontroláveis e, segundo, na condição caracterizada pela fase de teste. Na primeira situação, o clínico poderia receber em seu consultório um cliente que está correntemente exposto à estimulação aversiva incontrolável. Isso ocorreria em situações de violência doméstica, por exemplo, seja entre marido e mulher ou entre pais e filhos. A impossibilidade de fuga e esquiva do agredido é preponderante. Nessa situação, o indivíduo não teria disponível oportunidade para o responder efetivo, repertório habilidoso (e.g., de fuga e/ou esquiva efetiva) ou mesmo consequência reforçadora.</i></p> <p><i>Na segunda condição, outro cliente poderia, em sua vida, já ter passado por esse histórico de experiências traumáticas, mas correntemente não mais vivenciar ambientes de incontrolabilidade. Se nenhuma nova aprendizagem incompatível com o comportamento passivo tiver ocorrido entre a experiência com a incontrolabilidade e o momento atual de vida, será provável que o cliente ainda esteja sob o efeito do desamparo (Hunziker, 2003). Nessa condição, o indivíduo normalmente apresentaria passividade evidente e autorregras muito restritas relacionadas à impossibilidade de controle (Rehm, 1977).</i></p> <p><i>Caso o cliente já tenha passado pela incontrolabilidade e esteja experienciando em sua vida uma fase semelhante à fase de teste, é possível que ele não tenha consciência das consequências produzidas por seus comportamentos. Por esse motivo, é possível que ele se engaje pouco nas atividades de ativação prescritas por regras (ou autorregras), como as da Agenda Diária de Atividades. Por não se comportar, a pessoa não produz – ou é sensibilizada pelos reforçadores presentes no ambiente – e tampouco cria ocasiões para o responder efetivo. (pp. 251-252).</i></p>
CARDOSO; BANACO, 2009	<p><i>A anedonia, ou insensibilidade ao reforço em modelos experimentais, é uma característica comportamental similar à perda de interesse ou</i></p>

	<p><i>prazer e sintomas de melancolia apresentados por humanos diagnosticados com depressão. (p. 79);</i></p> <p><i>A diminuição no consumo de líquidos, especialmente no consumo de sacarose, foi interpretada como uma alteração na “sensibilidade à recompensa”, ou anedonia, característica de depressão em humanos. (p. 80);</i></p> <p><i>A resposta dos sujeitos ao antidepressivo ressaltou que a diminuição no consumo poderia ser compreendida como insensibilidade ao reforço ou anedonia. Esse resultado validou a anedonia como uma característica de depressão, e o estresse crônico moderado como um modelo experimental para aferir essa psicopatologia. (p. 80);</i></p> <p><i>Uma revisão realizada por Willner em 2005 mostrou, em linhas gerais, que a submissão dos sujeitos (ratos) a um conjunto de estímulos aversivos crônicos e moderados, além de alterar a sensibilidade à recompensa, também provocava alterações em outras características presentes no diagnóstico de depressão. (p. 80).</i></p>
CORREIA; BORLOTI, 2011	<p><i>Num estudo experimental recente, Lam, Marra e Salzinger (2005) usaram o paradigma do condicionamento verbal para investigar a variação intercultural na descrição da sintomatologia da depressão unipolar. Seus resultados mostraram que os relatos de sintomas somáticos ou psicológicos da depressão são condicionados pelo reforçamento social, o que corrobora funcionalmente as afirmações de Nazroo et al. (1998) sobre as diferenças sexuais na experiência emocional chamada “depressão”. Portanto, os processos de aprendizagem (em especial, a verbal) que explicam a socialização dos papéis de gênero têm relação direta com a aprendizagem variada de relatos de estados emocionais, incluindo os estados tateados como “depressão”. (p. 362);</i></p> <p><i>O contexto de violência é um contexto excessivamente aversivo e, como podemos observar nas pesquisas citadas acima, se encontra intimamente ligado à ocorrência de depressão. Quando não há possibilidade de fuga do contexto, esse quadro pode ser ainda mais grave, conformando-se em uma condição denominada “desamparo aprendido”. O desamparo aprendido</i></p>

	<p><i>caracteriza-se pela incontrolabilidade do ambiente, e o sujeito submetido à estimulação aversiva, sem possibilidade de controlá-la, aprende que não há relação entre seus comportamentos e o estímulo (Hunziker, 2005; Seligman, 1975). (p. 367).</i></p>
<p>FERREIRA; TOURINHO, 2011</p>	<p><i>No que concerne à punição, ao indicarem frequentes relatos de clientes envolvendo exposição a uma história de punição prolongada e inevitável, Dougher e Hackbert (1994) fornecem um paralelo com o modelo do desamparo aprendido (Overmier & Seligman, 1967; Maier & Seligman, 1976; Seligman & Maier, 1967). Este modelo, investigado sob uma perspectiva analítico-comportamental por Hunziker (2001a, 2005), propõe que a exposição experimental de sujeitos a eventos aversivos incontroláveis dificulta a aprendizagem de respostas adaptativas a novas contingências e produz alguns padrões de comportamento comparáveis àqueles classificados como depressão em contextos reais. (p. 22).</i></p>
<p>GOUVEIA JUNIOR, 2001</p>	<p><i>Os estudos que indicam ocorrência similar de desamparo aprendido em machos e fêmeas contêm procedimentos diferenciados daqueles mais comuns na literatura. Por exemplo, Heinsbroek et al. (1991, exp. 2) usaram um intervalo entre sessões de 72 h, enquanto a maioria dos autores usam 24 h de intervalo. Este fator (o intervalo entre sessões) tem sido indicado como uma variável crítica para a ocorrência do fenômeno (Maier, e Seligman, 1976; Seligman, Rossellini, e Kozak, 1975; Peterson, Maier e Seligman, 1993). No entanto, esta variável não foi aqui manipulada, uma vez que utilizou-se o mesmo intervalo de 24 h apresentado pela maioria dos autores, obtendo-se resultados similares entre machos e fêmeas. Estes dados sugerem que o desamparo, embora seja um modelo animal comumente utilizado, de grande valor para a pesquisa farmacológica, não reflete fielmente a depressão humana, pois os dados da literatura indicam sua prevalência em mulheres (Graeff, Brandão, Tomaz, e Guimarães, 1993; Weissman, e Olfson, 1995). Tal fato, embora implique em certas limitações no uso do modelo, não o invalida, já que modelos são analogias e não cópias perfeitas (Willner, 1991; Bond, 1984). Além disto, fatores sócio-econômicos podem estar relacionados com esta maior taxa de diagnóstico de depressão em mulheres (Willner, 1985, 1991; Weissman e Olfson, 1995). (p. 26).</i></p>

<p>NÓBREGA; BRITTO, 2017</p>	<p><i>Também são comuns entre os indivíduos depressivos as histórias de punição e sem possibilidade de fuga. Seligman e Maier (1967) utilizaram uma caixa de saltar, dividida em dois compartimentos, cujo piso eletrificado liberava choques nas patas dos cães, os quais não podiam escapar. Ao receberam os estímulos aversivos, os cães emitiram respostas de fuga, como saltar para o outro lado da caixa, porém os choques não eram suprimidos. A partir de tais efeitos, a frequência dos comportamentos de fuga deixara de ocorrer: os cães pararam de responder. A repetida estimulação aversiva incontrolável e sem fuga resulta em uma redução comportamental generalizada e interfere com os efeitos subsequentes do reforço contingente, uma vez que os estudos com animais expostos a eventos aversivos incontroláveis apontaram que os mesmos deixaram de mostrar sensibilidade aos reforçadores (Hünziker, 2001). A passividade apresentada pelos sujeitos é a de que ao invés deles atuarem em seu meio eles permaneceram recebendo os estímulos aversivos (Seligman & Maier, 1967). (p. 131);</i></p> <p><i>Parece que as experiências traumáticas com eventos aversivos incontroláveis exercem efeitos deletérios sobre o comportamento. Tais estudos têm sido usados no estudo da bioquímica da depressão, uma vez que o aspecto incontrolável do ambiente pode determinar a depleção de neurotransmissores relacionados com o sistema neuroquímico de reforçamento (Hünziker, 2001). Um alto grau de confiabilidade a este tipo de trabalho dentro da neurociência tem sido alcançado, pois alterações neuroquímicas encontradas em indivíduos deprimidos foram encontradas em animais submetidos a eventos aversivos incontroláveis (Hünziker, 2001). (p. 132);</i></p> <p><i>Lam, Marra e Salzinger (2005) utilizaram o paradigma do condicionamento verbal a fim de investigar como se dava a variação intercultural na descrição dos sintomas provenientes da depressão unipolar. Os resultados do mesmo apontaram que os relatos negativos feitos por pessoas acometidas pela depressão acerca de seus estados emocionais podem ser condicionados pelo reforço social. O mesmo pode ocorrer com o comportamento do deprimido: a recusa em participar de quaisquer</i></p>
------------------------------	---

	<p><i>atividades, o choro excessivo e a inatividade, por exemplo, influenciam no ambiente em que o indivíduo está inserido e nas pessoas que estão à sua volta e, além disso, pode retroagir sobre ele (Britto, 2003). (p. 133).</i></p>
--	--

Destaca-se que, no Quadro 1, seis dos 12 trechos destacados utilizaram como base dados experimentais advindos de pesquisas básicas envolvendo o modelo experimental de desamparo aprendido. Desses, um trecho relacionou dados experimentais com características topográficas e alterações neuroquímicas da depressão, além de estabelecer comparações entre as condições envolvidas no desamparo e na depressão (ABREU; ABREU, 2017, pp 251-252); um trecho comparou o contexto de violência à situação de incontrolabilidade (CORREIA; BORLOTI, 2011, p. 367); dois trechos estabeleceram paralelos entre histórico de exposição à punição de pessoas com depressão e a incontrolabilidade do desamparo aprendido (FERREIRA; TOURINHO, 2011, p. 22; NÓBREGA; BRITTO, 2017, p. 131); um trecho comparou a ocorrência similar de desamparo aprendido em ratos machos e fêmeas com a maior prevalência de depressão em mulheres (GOUVEIA JUNIOR, 2001, p. 26); um trecho citou a vivência com estímulos aversivos incontroláveis com a bioquímica da depressão (NÓBREGA; BRITTO, 2017, p. 132). Por outro lado, dois trabalhos usaram dados de um estudo que, utilizando-se do paradigma do condicionamento verbal, investigou a influência de contingências sociais nos relatos das experiências ligadas a eventos depressivos para relacionar a produção de relatos negativos na depressão ao reforçamento social (CORREIA; BORLOTI, 2011, p. 362; NÓBREGA; BRITTO, 2017, p. 133). Por fim, quatro trechos relacionaram dados experimentais obtidos a partir de pesquisas com o modelo de estresse crônico moderado (CMS) à anedonia e outras características da depressão (CARDOSO; BANACO, 2009, p. 80).

O Quadro 2 apresenta o trecho selecionado por propor possíveis intervenções terapêuticas tendo como base dados experimentais.

Quadro 2 - Trecho selecionado que propôs possíveis intervenções terapêuticas a partir de dados experimentais

Autor	Trecho
ABREU; ABREU, 2017	<p><i>A condição de incontrolabilidade que caracterizaria a fase de tratamento, por definição, é caracterizada pela própria incontrolabilidade. Qualquer acréscimo de possibilidade de controle já descaracterizaria a necessidade de se adotar o desamparo aprendido como forma de entendimento do fenômeno em humanos. Determinada condição vem alertar o clínico para o fato de que, sob alguns ambientes, como onde vigora violência parental, a única intervenção possível talvez seja a retirada imediata do cliente. Mesmo intervenções farmacológicas seriam de pouca serventia, pois, a despeito de o antidepressivo diminuir momentaneamente a suscetibilidade aos estímulos aversivos (Harmer, 2008), ainda assim o indivíduo precisaria aprender um repertório efetivo de fuga e/ou esquiva para ser reforçado (Abreu & Santos, 2008). Esse tipo de trabalho normalmente requer esforços interdisciplinares em que não somente psicólogos e psiquiatras, mas assistentes sociais e instituições jurídicas serão imprescindíveis para a restituição de um ambiente protegido. (pp. 252-253).</i></p>

O trecho destacado no Quadro 2 caracteriza-se pela proposição de uma possibilidade de intervenção, pautada no trabalho interdisciplinar e na retirada do sujeito do ambiente incontrolável. Além disso, discute a serventia de intervenções farmacológicas em situações de incontrolabilidade com base em dados experimentais de pesquisas sobre desamparo aprendido apresentados nos parágrafos imediatamente anteriores (ABREU; ABREU, 2017, pp. 252-253).

5 DISCUSSÃO

A presente pesquisa buscou avaliar as contribuições da pesquisa básica experimental para a compreensão e intervenção sobre comportamentos depressivos, através de artigos publicados em periódicos brasileiros, em língua portuguesa, no campo da Análise do Comportamento, entre as décadas de 2000 e 2020.

Como resultado, foram encontrados 11 artigos. Desses, em acordo com o método de análise proposto, seis foram selecionados por apresentarem trechos (13 no total) que relacionavam dados experimentais com o fenômeno da depressão ou propunham intervenções. Os seis artigos com trechos selecionados dividiram-se em duas pesquisas básicas (CARDOSO; BANACO, 2009; GOUVEIA JUNIOR, 2001), uma pesquisa aplicada (NÓBREGA; BRITTO, 2017) e três pesquisas teóricas (ABREU; ABREU, 2017; CORREIA; BORLOTI, 2011; FERREIRA; TOURINHO, 2011). Vale ressaltar que dois dos artigos selecionados (CORREIA; BORLOTI, 2011, p. 362; NÓBREGA; BRITTO, 2017, p. 133) apresentaram ou mencionaram dados experimentais obtidos no estudo de Lam, Marra e Salzinger (2005), difíceis de serem classificados como puramente oriundos de pesquisa básica ou aplicada, aproximando-se mais da pesquisa translacional (FONSECA JÚNIOR, 2020). Pelo comprometimento da pesquisa de Lam, Marra e Salzinger (2005) com a produção de conhecimentos teoricamente relevantes, os trechos dos dois estudos que utilizaram esses dados foram incluídos no material de análise.

A partir dos trechos selecionados, pôde-se observar um maior destaque para o modelo experimental desamparo aprendido, tendo em vista que dados experimentais relacionados a esse modelo foram usados em sete dos 13 trechos (seis estabelecendo relações e um discutindo uma possível intervenção). De maneira geral, o foco desses estudos foi usar o desamparo aprendido como base para apontar possíveis etiologias de comportamentos depressivos.

Paralelamente, os quatro trechos que fizeram menção ao CMS estabeleceram comparações entre a anedonia produzida pela exposição aos estressores crônicos moderados e características da depressão. Ainda, dois trechos foram selecionados por usarem dados experimentais para relacionar a produção de relatos negativos na depressão ao reforço social. Nota-se que mesmo o estudo aplicado (NÓBREGA; BRITTO, 2017) utilizou-se dos dados experimentais para interpretar a depressão. Por

fim, apenas um trecho foi selecionado por propor intervenção e, novamente, baseou-se no desamparo aprendido.

Esses resultados apontam para um maior interesse na produção de pesquisas que buscam interpretar um fenômeno da vida diária a partir dos conhecimentos advindos da pesquisa básica experimental, em detrimento da proposição de intervenções planejadas a partir do conhecimento produzido em pesquisas básicas. Da mesma forma, observa-se baixa de pluralidade – ao menos nos artigos publicados em periódicos analítico-comportamentais – quanto aos modelos experimentais investigados e utilizados como base para interpretações.

Quanto ao fato de o modelo de desamparo aprendido ser o mais referenciado e utilizado como base para interpretações, levanta-se a hipótese de que isso ocorra pelo fato de ser um modelo mais antigo e bem estabelecido, datando da década de 60 (cf. HUNZIKER, 2005, p. 131; HUNZIKER, 2006, p. 152), enquanto o CMS tem suas origens na segunda metade da década de 80 (cf. WILLNER, 2017, p. 02). Ainda, pesquisas sobre o desamparo já eram feitas no Brasil na década de 1980 (HUNZIKER, 1982), enquanto a primeira pesquisa sobre CMS no Brasil foi realizada apenas em 2001 (THOMAZ, 2001). Por outro lado, investigações e interpretações a partir dos mais variados modelos experimentais são de extrema relevância, por tratarem de padrões de comportamento diferentes entre si. Apesar dos modelos de desamparo aprendido e CMS apresentarem semelhanças, na medida em que trabalham com estímulos aversivos incontroláveis e produzem anedonia (p. 152), ambos diferem quanto ao tipo e pluralidade de estímulos aversivos (choque no desamparo aprendido; alternância entre luz, sons etc. no CMS) e na intensidade e forma de apresentação (alta intensidade e de maneira aguda no desamparo e baixa intensidade e de maneira crônica no CMS). Outra diferença importante reside no fato da anedonia ser referente ao reforço negativo no desamparo aprendido, ao passo que o reforço positivo é que tem seu valor reforçador diminuído no CMS (cf. FRANCESCHINI; HUNZIKER, 2009, p. 115). Ainda, dados experimentais parecem indicar que cada modelo abrange diferentes processos comportamentais encontrados em casos de depressão em seres humanos (p. 116).

Leonardi e Meyer (2016) apontam que, tanto no Brasil quanto no exterior, é comum que pesquisadores e terapeutas sustentem que as terapias fundamentadas na Análise do Comportamento são empiricamente evidenciadas; todavia, os autores analisam que essa confiança – possivelmente, originada no sucesso que a

investigação de processos comportamentais através de pesquisas experimentais em laboratório tem no campo analítico-comportamental – é excessiva e precipitada (p. 1472). Segundo os autores, é importante frisar que a transposição das descobertas advindas da pesquisa básica não garante a eficácia da intervenção, pois, ao isolar variáveis, as situações laboratoriais descolam-se da complexidade dos fenômenos em ambiente natural. Assim, argumentam ser fundamental que as práticas terapêuticas sejam avaliadas em pesquisas clínicas (p. 1473), embora não descartem a relevância dos dados derivados da pesquisa básica na medida em que auxiliam no desenvolvimento teórico da Análise do Comportamento.

Como apontado na seção de resultados, dos seis artigos com trechos selecionados, três (50% do total) eram pesquisas teóricas. Considerando que somente um dentre os seis artigos era de pesquisa aplicada e apenas um dentre os 13 trechos selecionados propôs intervenção, o excesso de confiança translacional, apontado por Leonardi e Meyer (2016), não está presente nas publicações avaliadas. Os artigos aqui encontrados raramente propuseram intervenções fundamentadas em achados oriundos da pesquisa básica, resultado que indica, novamente, a preferência pelo uso dos dados para propor interpretações teóricas ao invés de intervenções. Pode-se considerar que essas pesquisas estão em consonância com a definição skinneriana de interpretação (MALAVAZZI; MICHELETTO, 2021), na medida em que as mesmas se utilizaram de dados experimentais e princípios científicos resultantes da pesquisa básica para interpretar um fenômeno humano complexo como a depressão, cuja mimetização integral dificilmente pode ser obtida em ambiente controlado.

Os dados desta pesquisa apontam, ainda, para uma possível falta de comunicação entre as áreas de pesquisa básica e aplicada. Conforme apontado por Fonseca Júnior (2020), essa tendência se repete na Análise do Comportamento de forma mais ampla, conforme atestado pelo fato de que apenas 3,6% de analistas do comportamento publicaram tanto no JABA quanto no JEAB (cf. POLING; EDWARDS, 2011, p. 23), principais periódicos dedicados, respectivamente, à pesquisa aplicada e básica em Análise do Comportamento. Soma-se a isso a baixa frequência de citações cruzadas — um índice confiável para avaliar o grau de interação — entre ambos os periódicos (ELLIOTT *et al.*, 2005). Esses dados sugerem que parece não haver intercâmbio na produção de conhecimento entre as áreas de pesquisa que constituem o sistema analítico-comportamental.

Por fim, é importante frisar que a preocupação com a implicação prática das pesquisas básicas está cada vez mais presente na Análise do Comportamento, como pode ser atestado pelo aumento do destaque dado à pesquisa translacional na área nos últimos anos (FONSECA JÚNIOR, 2020). Nesse sentido, observa-se uma busca pela integração entre a pesquisa básica e a prática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se investigar quais as contribuições da pesquisa básica experimental – dentro da Análise do Comportamento – para a compreensão e intervenção sobre comportamentos depressivos. Como principal contribuição, esta pesquisa apontou tanto uma falta de comunicação entre as áreas de pesquisa básica e aplicada quanto uma maior preferência pelo uso de dados produzidos experimentalmente na pesquisa básica para interpretar fenômenos humanos complexos. Ainda, foi evidenciada uma maior preferência pelo modelo experimental de desamparo aprendido como base para as interpretações.

É importante ressaltar que a presente investigação se deu através de artigos publicados em periódicos brasileiros, em língua portuguesa, no campo da Análise do Comportamento, entre as décadas de 2000 e 2010. Logo, não foram avaliados artigos de periódicos mais generalistas dentro da Psicologia, nem teses, dissertações ou monografias, nem material produzido em outras línguas que não a portuguesa. Assim, as análises aqui apresentadas não esgotaram a literatura analítico-comportamental. Sendo assim, pesquisas futuras podem expandir o escopo de trabalhos, de modo a avaliar a extensão dos resultados aqui obtidos.

7 REFERÊNCIAS

ABREU, Paulo Roberto. Terapia analítico-comportamental da depressão: uma antiga ou uma nova ciência aplicada?. **Archives Of Clinical Psychiatry**, [s. l.], v. 33, n. 6, p. 322-328, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000600005>. Acesso em: 16 agosto 2020.

ABREU, Paulo Roberto. Novas relações entre as interpretações funcionais do desamparo aprendido e do modelo comportamental de depressão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 788-797, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400020>. Acesso em: 16 abril 2020

ABREU, Paulo Roberto; ABREU, Juliana Helena dos Santos Silvério. Ativação comportamental: apresentando um protocolo integrador no tratamento da depressão. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 238-259, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i3.1065>. Acesso em: 26 outubro 2020.

ABREU, Paulo Roberto; SANTOS, Carlos E.. Behavioral models of depression: A critique of the emphasis on positive reinforcement. **International Journal of Behavioral Consultation and Therapy**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 130-145, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/h0100838>. Acesso em: 20 março 2020

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDERY, Maria Amália; MICHELETTO, Nilza; SÉRIO, Tereza Maria. Pesquisa histórica em Análise do Comportamento. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 137-142, 2000.

BAER, Donald M.; WOLF, Montrose M.; RISLEY, Todd R.. Some current dimensions of applied behavior analysis. **Journal Of Applied Behavior Analysis**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 91-97, 1968. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91>. Acesso em: 05 março 2021.

BANACO, Roberto Alves; ZAMIGNANI, Denis Roberto; MEYER, Sônia Beatriz. Função do comportamento e do DSM: terapeutas analítico-comportamentais discutem a psicopatologia. In: TOURINHO, Emmanuel Zagury; LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Análise do Comportamento: investigações históricas, conceituais e aplicadas**. São Paulo: Roca, 2010. p. 175-191.

BANACO, Roberto Alves *et al.* Psicopatologia. In: HÜBNER, Maria Marta Costa; MOREIRA, Márcio Borges (org.). **Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 154-166.

CAMARGO, Maria Isabel Clemêncio Pires de. **Modelos Experimentais de Psicopatologias na Análise do Comportamento no Brasil: um estudo em perspectiva histórica**. 2014. 75 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16729>. Acesso em: 26 março 2020.

CARDOSO, Luciana Roberta Donola; BANACO, Roberto Alves. Efeitos do esquema de intervalo variável no desenvolvimento de anedonia induzida por estresse crônico moderado em ratos. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 79-96, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v5i1.723>. Acesso em: 26 outubro 2020.

CARVALHO, Lígia Mosolino de. **Desenvolvimento moral na Análise do Comportamento: uma revisão bibliográfica**. 2016. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.47.2017.tde-06022017-125147>. Acesso em: 21 agosto 2020.

CATANIA, Anthony Charles. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1979/1999.

CORREIA, Karyne Mariano Lira; BORLOTI, Elizeu. Mulher e depressão: uma análise comportamental-textual. **Acta Comportamentalia**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 359-373, 2011.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452011000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 outubro 2020.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ELLIOTT, Amy J. *et al.* Self- and cross-citations in the Journal of Applied Behavior Analysis and the Journal of Experimental Analysis of Behavior: 1993-2003. **Journal Of Applied Behavior Analysis**, [s. l.], v. 38, n. 4, p. 559-563, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jaba.585>. Acesso em: 27 maio 2021.

FERREIRA, Darlene Cardoso; TOURINHO, Emmanuel Zagury. Relações entre depressão e contingências culturais nas sociedades modernas: interpretação analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 20-36, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v13i1.428>. Acesso em: 26 outubro 2020.

FERSTER, Charles Bohris. A functional analysis of depression. **American Psychologist**, [s. l.], v. 28, n. 10, p. 857-870, 1973. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0035605>. Acesso em: 20 agosto 2020.

FONSECA JÚNIOR, Amilcar Rodrigues. Inter-relação entre pesquisa e tecnologia comportamental. In: ALENCAR, Isabelle Cacau de; LETTIERI, Denise; LOBO, Deborah Fernandes Vieira (org.). **Análise do Comportamento e suas aplicações: desafios e possibilidades**, volume 1. Fortaleza: Imagine Publicações, 2020.

FRANCESCHINI, Ana Carolina Trousdell; HUNZIKER, Maria Helena Leite. Comparação entre dois modelos experimentais de depressão: desamparo aprendido e chronic mild stress. In: WIELENSKA, Regina Christina (org.). **Sobre comportamento e cognição: Vol. 23. Desafios, soluções e questionamentos**. Santo André: ESETec, 2009. p. 111-117.

GOUVEIA JUNIOR, Amauri. Efeitos da administração aguda de Imipramina sobre o desamparo aprendido de ratos machos e fêmeas. **Acta Comportamentalia**, [s. l.], v.

9, n. 1, p. 19-30, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/14631>. Acesso em: 26 outubro 2020.

HUMES, Eduardo de Castro *et al.* **Clínica Psiquiátrica**: guia prático. Barueri: Manole, 2019.

HUNZIKER, Maria Helena Leite. **Um estudo sobre incontrolabilidade**: considerações metodológicas, uma análise experimental. 1982. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

HUNZIKER, Maria Helena Leite. O desamparo aprendido revisitado: estudos com animais. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 21, n. 2, p. 131-139, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-37722005000200002>. Acesso em: 06 setembro 2020.

HUNZIKER, Maria Helena Leite. Estudo experimental da depressão. In: GUILHARDI, Hélio José; AGUIRRE, Noreen Campbell de (org.). **Sobre comportamento e cognição**: Vol. 18. Expondo a variabilidade. Santo André: ESETec, 2006. p. 149-155.

LAM, KaNei; MARRA, Christine; SALZINGER, Kurt. Social reinforcement of somatic versus psychological description of depressive events. **Behaviour Research And Therapy**, [s. l.], v. 43, n. 9, p. 1203-1218, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.brat.2004.09.003>. Acesso em: 05 junho 2021.

LATTAL, Kennon A.. Ciência, tecnologia e análise do comportamento. In: ABREU-RODRIGUES, Josele; RIBEIRO, Michela Rodrigues (org.). **Análise do Comportamento**: pesquisa, teoria e aplicação. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-26.

LAURENTI, Carolina. Trabalho conceitual em psicologia: pesquisa ou "perfumaria"? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 179-181, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24879/201600100010052>. Acesso em: 05 junho 2021.

LEONARDI, Jan Luiz; MEYER, Sonia Beatriz. Evidências de eficácia e o excesso de confiança translacional da Análise do Comportamento Clínica. **Temas em Psicologia**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 1465-1477, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.4-15Pt>. Acesso em: 06 novembro 2020.

LOPES, Carlos Eduardo. Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 1-13, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452008000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 agosto 2020.

MACE, F. Charles; CRITCHFIELD, Thomas S.. Translational research in Behavior Analysis: historical traditions and imperative for the future. **Journal Of The Experimental Analysis Of Behavior**, [s. l.], v. 93, n. 3, p. 293-312, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1901/jeab.2010.93-293>. Acesso em: 05 junho 2021.

MALAVAZZI, Dante Marino; MICHELETTO, Nilza. Interpretação: um objetivo e um método da ciência de B. F. Skinner. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 37, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37217>. Acesso em: 05 junho 2021.

MAYER, Paulo César Morales; GONGORA, Maura Alves Nunes. Duas formulações comportamentais de punição: Definição, explicação e algumas implicações. **Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, [s. l.], v. 19, p. 47-63, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452011000400003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 agosto 2020.

MICHELETTO, Nilza. Bases filosóficas do Behaviorismo Radical. In: BANACO, Roberto Alves (org.). **Sobre comportamento e cognição**: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Santo André: ARBytes, 1997. p. 29-44.

MICHELETTO, Nilza. A história da prática do analista do comportamento: esboço de uma trajetória. In: GUILHARDI, Hélio José *et al.* (org.). **Sobre comportamento e cognição**: Vol. 8. Expondo a variabilidade. Santo André: ESETec, 2001. p. 172-189.

NICO, Yara; LEONARDI, Jan Luiz; ZEGGIO, Larissa. **A depressão como fenômeno cultural da sociedade pós-moderna**: parte I - um ensaio analítico-comportamental dos nossos tempos. São Paulo: Creative Commons, 2015.

NÓBREGA, Letícia Guedes; BRITTO, Ilma A. Goulart de Souza. Avaliação e tratamento de comportamentos problemas de duas pessoas com o diagnóstico de depressão. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 128-145, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i1.956>. Acesso em: 26 outubro 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha informativa - Depressão**. Brasil: Organização Mundial da Saúde, 2018.

POLING, Alan; EDWARDS, Timothy L.. Translational research: it's not 1960s behavior analysis. **The Behavior Analyst**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 23-26, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/bf03392229>. Acesso em: 05 junho 2021.

SANTOS, Cristiano Valerio dos; GEHM, Tauane; HUNZIKER, Maria Helena Leite. Learned helplessness in the rat: effect of response topography in a within-subject design. **Behavioural Processes**, [s. l.], v. 86, p. 178-183, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.beproc.2010.11.005>. Acesso em: 28 maio 2021.

SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires *et al.* **Controle de estímulos e comportamento operante**: uma (nova) introdução. São Paulo: Educ, 2008.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações**. São Paulo: Livro Pleno, 1989/2009.

SKINNER, Burrhus Frederic. Coming to terms with private events. **Behavioral And Brain Sciences**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 572-581, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0140525X00027400>. Acesso em: 12 junho 2021.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1953/2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 129-137, 1981/2007. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v9i1.150>. Acesso em: 19 outubro 2020.

SOUZA, Deisy das Graças de. O que é contingência? In: BANACO, Roberto Alves (org.). **Sobre comportamento e cognição**: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Santo André: ARBytes, 1997. p. 82-87.

SOUZA, Eduardo José de. **Efeitos do atraso do reforço negativo na produção do desamparo aprendido em ratos**. 2018. 95 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.47.2018.tde-04072018-163157>. Acesso em: 28 maio 2021.

THOMAZ, Cássia Roberta da Cunha. **Efeito da submissão ao chronic mild stress (CMS) sobre o valor reforçador do estímulo**. 2001. 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16811>. Acesso em: 11 junho 2021.

TOURINHO, Emmanuel Zagury. Estudos conceituais na Análise do Comportamento. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 213-222, 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 setembro 202.

VASCONCELLOS, Mariliz; ROCHA, Michelle C. D. O.; MACIEL, Vanessa Henrique. Revisão teórica sobre depressão pela análise do comportamento e por alguns manuais psiquiátricos. **ConScientiae Saúde**, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 719-725, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/conssaude.v9i4.2145>. Acesso em: 26 abril 2020.

WILLNER, Paul. The validity of animal models of depression. **Psychopharmacology**, [s. l.], v. 83, n. 1, p. 1-16, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/bf00427414>. Acesso em: 28 maio 2021.

WILLNER, Paul. The chronic mild stress (CMS) model of depression: history, evaluation and usage. **Neurobiology Of Stress**, [s. l.], v. 6, p. 78-93, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ynstr.2016.08.002>. Acesso em: 04 junho 2021.